

REFLETINDO SOBRE A PRÓPRIA PRÁTICA: UM ESTUDO AUTOETNOGRÁFICO SOBRE OS SABERES DE UMA PROFESSORA EM FORM(AÇÃO)

Camila Cristiane Vitti (UNESP/IB/Rio Claro); Roberto Tadeu Iaochite (UNESP/IB/Rio Claro)

EIXO TEMÁTICO 1: Formação inicial e continuada de professores para a educação básica

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte de um estudo mais amplo, em desenvolvimento, que trata da possibilidade de investigar os desafios vivenciados por uma professora ainda em formação acadêmica e, simultaneamente em exercício da docência, levantando aspectos significativos para a constituição de saberes ligados à educação. A pesquisa está sendo realizada em um colégio particular da cidade de Piracicaba, interior de São Paulo, e trata-se de um estudo autoetnográfico, cujo sujeito da pesquisa é a própria pesquisadora. Como em qualquer instituição educativa, o espaço escolar investigado abriga um conjunto de situações cotidianas capazes de promover (ou não) a reflexão por parte de seus autores. Porém, nem sempre os professores refletem sobre suas práticas educativas, seja pela correria do dia-a-dia, pela banalização das ações pedagógicas, ou até mesmo pela precária formação que tiveram, fatores que inviabilizam o processo de reflexão e criação de novos saberes que possam enriquecer sua formação. O exercício da docência é caracterizado pela dinamicidade e variedade dos acontecimentos, onde a cada dia, novas situações nos surpreendem de forma positiva ou negativa.

O trabalho docente na educação infantil carrega certas peculiaridades, fator que exige do profissional deste nível de ensino constante reflexão e tomada de decisão dentro e fora da sala de aula. É na educação infantil que trabalhamos com a capacidade de concentração das crianças, a qual geralmente não passa de 30 minutos, trabalhamos com a noção do “outro” para que as crianças aprendam a ouvir e percam um pouco do egocentrismo, buscamos ajudá-las no desenvolvimento da fala para que saibam se expressar da melhor maneira, criamos situações para que desenvolvam sua autonomia, e nos esforçamos ao máximo para tornar nossas aulas atrativas o suficiente a fim de superar a redoma de variedades que os cercam.

O exercício da docência pelo sujeito que se encontra ainda em formação acadêmica parece ganhar uma complexidade diferente, pois ao mesmo tempo em que você ensina, ainda está em formação descobrindo novas teorias, conquistando novos conhecimentos. Se por um lado há a oportunidade de aplicar os conhecimentos já aprendidos, por outro, esta vivência oferece desafios e questionamentos: como marcar positivamente minha participação como educadora na vida destas crianças? Como lidar com as diversas formas de indisciplina na sala de aula? Como trabalhar os conteúdos da apostila de maneira mais atrativa? Diante de todas estas questões, ainda me pergunto como unir as teorias aprendidas nos anos de formação, em sua maioria de caráter construtivista, com a realidade de uma escola particular que utiliza de um sistema educativo apostilado? Tais questionamentos, os quais podem ou não serem vistos como oportunidades de desenvolvimento, não necessariamente foram aprendidos nos bancos escolares, e requerem do professor a mobilização de saberes para tomadas de decisões constantes, nem sempre acertadamente.

Com base nas literaturas que falam sobre a questão do professor que reflete sobre suas próprias ações, encontramos nas escritas de Alarcão que a noção de professor-reflexivo se baseia:

[...] na consciência da capacidade de pensamento e reflexão que caracteriza o ser humano como criativo e não como mero reprodutor de idéias e práticas que lhe são exteriores. É central, nesta conceptualização, a noção do profissional como uma pessoa que, nas situações profissionais, tantas vezes incertas e imprevistas, actua de forma inteligente e flexível, situada e reactiva. (ALARCÃO, 2008, p. 41).

A perspectiva teórica de compreender o professor como um agente mediador entre os seus saberes, o conhecimento a ser ensinado, o aluno, o contexto e as variáveis nele presentes, favorece que possamos compreendê-lo como um ser capaz de refletir antes, durante e após as suas ações. Pensando neste sentido, é viável que o processo de reflexão e produção de saberes originais começasse durante a formação do professor, pois poderia potencializar ainda mais essa capacidade quando no exercício da docência. Consta no Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, referente às características que devem compor o profissional desta área:

O trabalho direto com crianças pequenas exige que o professor tenha uma competência polivalente. Ser polivalente significa que ao professor cabe trabalhar com conteúdos de naturezas diversas que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do conhecimento. Este caráter polivalente demanda, por sua vez, uma formação bastante

ampla do profissional que deve tornar-se, ele também, um aprendiz, refletindo constantemente sobre sua prática, debatendo com seus pares, dialogando com as famílias e a comunidade e buscando informações necessárias para o trabalho que desenvolve. São instrumentos essenciais para a reflexão sobre a prática direta com as crianças a observação, o registro, o planejamento e a avaliação. (BRASIL, 1998, p.41).

O estágio curricular proposto pelo curso de Licenciatura Plena em Pedagogia nos permitiram ter contato com a realidade das escolas das redes estaduais e municipais de ensino, onde constatamos que, nos momentos de HTPC destinados à discussão de temáticas que envolvam o espaço escolar, como dificuldades, anseios e conquistas, muitos professores passavam discutindo assuntos pessoais ou fúteis, assuntos esses que não agregariam aprendizado algum ao professor. A reflexão na prática docente é um processo importante para a constituição do professor como pesquisador/sujeito de sua própria prática.

Entender a importância da análise, reflexão e recriação de novas práticas é um processo que ultrapassa os conhecimentos técnicos e teóricos aprendidos durante os anos de formação, e busca auxílio nas vivências pessoais do educador como suporte para a reflexão e tomada de decisões. Neste sentido, Benassuly realça que:

Falar de professores reflexivos é proporcionar-lhes elementos por meio dos quais possam romper com ideologias tecnocráticas e instrumentais que, na maioria das vezes, perpassam sua prática cotidiana. É colocá-los no patamar de sujeitos políticos, capazes de refletir as mediações que estão postas no espaço de seus mundos vividos e no espaço social [...] (2002, p. 190).

O exercício da docência é caracterizado por ser inconstante, dinâmico e repleto de surpresas. Não há uma receita pronta sobre como ministrar aulas na educação infantil ou em qualquer outro nível de ensino. É importante levar em consideração as particularidades de cada sala de aula, de cada aluno, de cada cultura, bem como a dinamicidade que caracteriza as salas da educação infantil, ou seja, a reflexão sobre as situações que permeiam o espaço escolar se faz necessária. Práticas eficazes em determinada classe podem ser ineficazes em outra. Porém, a socialização de conquistas obtidas em determinada situação, por parte dos professores, é uma maneira de mostrar um dos encaminhamentos que podem ser dados diante de determinada situação. O desabafo sobre seus anseios, inquietações e dificuldades, já é uma maneira de refletir sobre as próprias ações pedagógicas.

Considerando esses apontamentos, o objetivo do estudo é refletir sobre os desafios vivenciados por uma professora da educação infantil, ainda em formação, durante sua prática docente.

BREVES APONTAMENTOS TEÓRICOS

Os estudos acerca das políticas de formação de professores da educação infantil vêm nos mostrando que os ideais neoliberais e pós-modernos refletem políticas que agredem diretamente a formação e atuação de professores, onde o Estado é responsável por definir o que deverá ser ensinado aos alunos e como os professores deverão agir em sala de aula, fatos que resultam em uma pedagogia autoritária e de caráter restrito no que diz respeito ao conteúdo passado aos educandos, onde a expansão quantitativa da escolaridade mascara a falta de qualidade no ensino. O mesmo ocorre com a questão da qualidade dos cursos de formação de professores, onde há o aumento da demanda de ensino superior de baixa qualidade. Este fato nos mostra o professor também como vítima de um sistema, podendo ser caracterizado como “produto de uma formação desqualificada historicamente” (PIMENTA e GHEDIN, 2002, p. 41).

Conclui-se que as tendências deste processo são o aligeiramento da formação de professores, a gradativa perda de controle dos mesmos sobre seu exercício profissional e a transformação das salas de educação infantil em laboratórios de implementação dos ideários pedagógicos, afinados com o neoliberalismo e o pós-modernismo. (ARCE, 2001, p. 251).

Diante desse quadro conclui-se que, para haver melhora na qualidade da educação brasileira, é necessário que haja, entre muitas outras coisas, melhoria nos cursos de formação de professores, buscando formar um docente capaz de refletir sobre suas ações pedagógicas visando minimizar os conflitos existentes em sala de aula. No Brasil, se começa a falar em professor reflexivo no início dos anos de 1990, por meio de obras de Perrenoud, Carr e Kemmis, os quais destacam a importância da reflexão na prática docente para aprimorar o trabalho do educador (PIMENTA e GHEDIN, 2002).

Pimenta (2002) relata as razões e o contexto em que ocorreu o processo de aceitação das propostas acerca do professor reflexivo no Brasil:

[...] a valorização da escola e de seus profissionais nos processos de democratização da sociedade brasileira; a contribuição do saber escolar na formação da cidadania; sua apropriação como processo

de maior igualdade social e inserção crítica no mundo (e daí, que saberes? que escola?); a organização da escola, os currículos, os espaços e os tempos de ensinar e aprender; o projeto político e pedagógico; a democratização interna da escola; o trabalho coletivo; as condições de trabalho e de estudo (de reflexão), de planejamento; a jornada remunerada, os salários, a importância dos professores nesse processo, as responsabilidades da universidade, dos sindicatos, dos governos nesse processo; a escola como espaço de formação contínua, os alunos: quem são? de onde vêm? o que querem da escola? (de suas representações); dos professores: quem são? como se vêem na profissão? Da profissão: profissão? E as transformações sociais, políticas e econômicas, do mundo do trabalho e da sociedade da informação: como ficam a escola e os professores? (PIMENTA e GHEDIN, 2002, p. 35)

Autores como Schön (2002), Pimenta (2002), Benassuly (2002), Ghedin (2002), contribuem com as discussões acerca do professor reflexivo. Para Schön (2002), a formação simplesmente técnica do sujeito não é suficiente para enfrentar as instabilidades do dia-a-dia. É necessário que haja a elaboração de novas práticas visando diminuir os conflitos.

A racionalidade técnica defende a idéia de que os profissionais solucionem problemas instrumentais mediante a seleção dos meios técnicos. [...] os profissionais da prática que são rigorosos resolvem problemas instrumentais bem estruturados mediante a aplicação da teoria e técnica que derivam do conhecimento sistemático. O questionamento a este tipo de profissionalização é que quando se esgota o repertório teórico e os instrumentos são construídos como referenciais, o profissional não sabe como lidar com a situação. (SCHÖN, 1992 apud PIMENTA e GHEDIN, 2002, p. 132).

Não se trata de desvalorizar o sentido da teoria e dos instrumentos no processo de formação de professores, mas sim, de destacar a importância de unir a teoria e a prática (vivências do sujeito), para a possível solução de problemas dentro das escolas.

A proposta que nos aponta o professor reflexivo como modelo de educador, traz à formação de professores um potencial que auxilia o docente no processo de reconhecimento de sua identidade profissional, marcada pela influência direta da cultura na qual se está inserido. Segundo Alarcão, só a identidade profissional “pode levar a permanente descoberta de formas de desempenho de qualidade superior e ao desenvolvimento da competência profissional na sua dimensão holística, interactiva e ecológica.” (ALARCÃO, 2008, p. 43).

Por meio deste estudo analisamos novas práticas pedagógicas que podem ser mais eficazes em sala de aula, buscando auxílio na literatura e em nossas vivências para superação de desafios.

MÉTODO

Na tentativa de melhor compreender esse processo, com vistas a viabilizar na prática docente o exercício da reflexão, optamos por um estudo de natureza autoetnográfica (BOSSLE e MOLINA, 2009) que nos permite analisar nossas próprias vivências em determinado contexto social, refletindo sobre os determinantes que caracterizam o cotidiano da escola em questão considerando seus efeitos sobre a nossa subjetividade, bem como as inquietações sobre a nossa própria prática pedagógica. A investigação autoetnográfica, nos permite descrever o que vivemos, sentimos e aprendemos diante do nosso próprio contexto, e nos possibilita analisar os significados da cultura na qual estamos inseridos e a qual permeia nossas atitudes. O sujeito que pesquisa passa de observador para participante na análise de sua própria realidade em busca, neste caso, de enriquecer o processo de ensino-aprendizagem nas salas de educação infantil, descobrindo e experimentando novos saberes docentes.

Sendo assim, o presente estudo analisa os desafios vividos durante a prática de ensinar por uma professora ainda em formação. Nesta pesquisa, um espaço ganha atenção especial: a sala dos professores. Neste ambiente, os docentes se reúnem ao chegarem no colégio, e durante o intervalo entre as aulas. Neste espaço destinado aos professores, sempre há comentários sobre questões desafiadoras enfrentadas pelos docentes, tendo como tema recorrente a indisciplina de alunos. Além das conversas relativas à sala de aula, surgem também assuntos pessoais que não dizem respeito à escola. Lembro que este é um espaço de encontros informais entre os professores. Neste colégio, não há horário de HTPC, mas sempre que se faz necessária alguma reunião entre os professores, é durante o intervalo que ela ocorre. A coordenadora do colégio sempre está presente nestes momentos e aproveita para nos auxiliar nas dificuldades e anseios, e sempre que necessário, passa alguma recomendação geral. É nos encontros na sala dos professores que socializamos nossos anseios e nossas conquistas. O ambiente escolar que caracteriza esta instituição em específico é muito agradável e a equipe como um todo procura sempre ajudar o outro no que for preciso. Me sinto privilegiada por trabalhar em uma instituição educativa caracterizada pela união e respeito entre os membros que

compõe a equipe pedagógica. Ao ouvir relatos de colegas que dão aulas em outras escolas, notamos que nem sempre as relações entre professor-professor, professor-coordenador são de natureza agradável e muitas vezes há um clima de rivalidade e competição entre os docentes.

Na coleta de dados para a pesquisa, durante a busca pelos desafios vivenciados pela docente, fazemos uso do Diário de Bordo, no qual a docente anota todos os seus anseios e todas as situações nas quais se vê limitada a resolver determinado conflito. Para a sistematização e organização dos dados, estamos utilizando o chamado Portfolio do Professor, que nos auxilia no momento da auto-reflexão sobre nossas práticas. Este Portfolio apresenta como finalidade “[...]estimular o pensamento reflexivo *na e sobre* a acção, permitindo fazer conexões entre a teoria e a prática, para além de evidenciar a prática docente desenvolvida e projetar o futuro profissional.” (MOREIRA, 2010, p. 33). O simples processo de anotar os desafios vivenciados no dia-a-dia, rever os encaminhamentos dados e analisar o que poderia ter sido mais eficaz, leva os professores a repensar sobre suas atividades, estratégias e planos futuros.

RESULTADOS

Situação 1 - Sala dos professores

Cheguei no colégio e como de costume me direcionei a sala dos professores, quando me deparei com a professora do primeiro ano se queixando sobre determinado aluno, o qual conforme ela mesma disse *“está tornando minha sala de aula um inferno, é um aluno extremamente arrogante e a cada atividade proposta ele opina de maneira negativa, fazendo graça e querendo chamar a atenção dos outros alunos. Ele é um líder negativo. Cada gracinha que ele faz as outras crianças dão risada apoiando a atitude do infeliz”* [registro em Diário de Bordo no dia 22 de março de 2011]. Diante de um imprevisto, tive a oportunidade de substituir uma aula desta professora, poucos dias antes deste relato, e foi aí que tive o primeiro contato com este aluno. Minha impressão sobre ele foi extremamente negativa. Ao entrar na sala de aula, pedi silêncio aos alunos para explicar a atividade que seria realizada. Antes mesmo que eu comesse a falar ele já disse *“a nossa professora só brinca com a gente durante a aula e nunca passa tarefa, você não deveria passar tarefa nenhuma”* [registro em Diário de Bordo no dia 16 de fevereiro de 2011]. E quando pedi que ficasse em silêncio e não opinasse daquela maneira, ele me respondeu grosseiramente *“você não manda em mim!”* [registro em Diário de Bordo no dia 16 de

fevereiro de 2011]. Pedi silêncio novamente. Ele por sua vez deu uma risadinha irônica e permaneceu resmungando. Diante das reclamações da professora sobre este aluno, perguntei a ela sobre como costumava lidar com ele, ela me respondeu que o deixa praticamente todos os dias sentado no fundo da sala ao lado do armário, e ainda brincou “*se vocês virem o armário correndo pelos corredores já saberão o porquê*” [registro em Diário de Bordo no dia 22 de março de 2011].

Ao participar da conversa, a coordenadora pedagógica afirmou que na busca por melhorar o comportamento e o desenvolvimento daquele aluno, os pais foram chamados à escola para uma conversa esclarecedora, os quais justificaram as atitudes do menino dizendo que este “*tem um gênio muito forte e é autêntico*” [registro em Diário de Bordo no dia 22 de março de 2011]. Observa-se na justificativa dos pais a admiração pelas atitudes negativas do aluno. Concluímos que o contexto no qual este aluno está inserido aprova seu comportamento desafiador.

Diante dos conhecimentos adquiridos durante os anos de graduação já percorridos, e levando em consideração minha experiência obtida pela vivência pessoal, me vi sem saber como resolver ou sugerir alguma solução para o problema. A indisciplina é um conflito presente na maioria das escolas, tanto particulares quanto públicas, e precisamos estar preparados para encará-la da melhor maneira. Ao buscar auxílio na literatura, sobre como superar este desafio, encontramos que uma das causas da indisciplina pode ser a falta de motivação do aluno, que por estar sendo sempre repreendido assume de fato o papel de aluno indisciplinado. Neste caso, palavras de elogio direcionadas a este aluno pode ser uma maneira de alterar seu comportamento, uma vez que “o elogio pode produzir um efeito eficaz na motivação, pois consiste em um *feedback* positivo a respeito do desempenho do aluno, além de ter uma conotação afetiva” (ECCHELI, 2008, p. 203).

Em minha mente os questionamentos variavam a cada minuto: será que este aluno já foi elogiado em algum momento na sala de aula? A professora reconhece as conquistas deste aluno? Seria viável isolar o aluno da turma e deixá-lo sentado no fundo da sala? Como despertar nesta criança o interesse pelo saber? Percebo que o ato de educar está se tornando função exclusiva da escola, como lidar com isso?

Na busca pelas respostas recorri a outros professores que já estão trabalhando na área há um bom tempo, e os perguntei como costumavam trabalhar com a indisciplina em sala de aula, buscando descobrir métodos mais eficazes. A professora do quarto ano me respondeu que é muito firme em sala de aula e sempre que

necessário isola os alunos indisciplinados dos demais para que melhorem o comportamento e voltem a se juntar ao grupo. Outras professoras afirmaram levar os alunos indisciplinados para a coordenadora, a qual no primeiro momento conversa com o aluno, no segundo momento liga para os pais e no terceiro momento retira o desconto do aluno nas mensalidades.

Pensando em quais poderiam ser os motivos da indisciplina naquela sala, várias questões foram levantadas: o clima de rivalidade entre o professor e o aluno ajuda a manter a indisciplina? Será que o aluno consegue acompanhar as atividades propostas? A dificuldade de aprendizado pode gerar a indisciplina? As aulas estão sendo cansativas? Muitas vezes, a indisciplina ocorre porque os alunos acham as aulas massantes. Nestes casos, o professor pode modificar suas aulas, adotando atividades mais estimulantes e interativas.

Este processo de reflexão nos faz levantar inúmeros questionamentos que, durante a correria do dia-a-dia, não paramos para pensar quais seriam as causas daquele desafio. É um aprendizado constante, por meio de busca de soluções pela literatura, troca de saberes e vivências. É necessário que haja mobilização por parte dos professores no sentido de deixar de pensar que está tudo bem, e que o problema é do aluno que foi mal educado pelos pais. Precisamos enxergar os desafios como um indício de que algo não está correspondendo às expectativas daquele aluno, não está atingindo seus interesses. E como ocorrer o processo de ensino-aprendizado sem que haja o interesse do aluno?

A partir dessa descrição buscamos analisar o que vivemos, sentimos e aprendemos à respeito da indisciplina na sala de aula.

CONSIDERAÇÕES

Ao descrever uma situação, explicá-la, interpretá-la e discuti-la chegamos a construção de várias suposições a respeito dos encaminhamentos que poderiam ser dados à situação desafiadora em questão. Este processo nos ajuda no auto-conhecimento como educador, quando analisando nossas atitudes nos perguntamos: minhas atitudes condizem com meus ideais? Sou um professor conservador? Em que eu posso melhorar profissionalmente? O ato de pensar sobre estas questões contribuem com o processo de enriquecimento do nosso repertório profissional, nossas vivências profissionais, uma vez que nos leva a descobrir novas possibilidades, e a enxergar novos caminhos na descoberta dos nossos erros.

Destacamos aqui a importância da escolha pelo método autoetnográfico, que nos ajudou a concretizar a reflexão sobre a realidade educacional do pesquisador e também sujeito da pesquisa.

[...] a autoetnografia parece ser um reforço significativo ao pensamento que visa destacar as vivências do sujeito pesquisador em sua pesquisa, na medida em que transforma seus relatos em pesquisa científica porque se situa dentro de uma série de autorreflexões, interações e reconhecimentos de emoções que, cotejadas com outras posições, permitem reconstruir novos conceitos de uma realidade subjetiva. (BOSSLE e MOLINA, 2000, p. 144).

Ao realizar a autoetnografia nos sentimos desafiados, pois ao mesmo tempo em que você é pesquisador, você se encontra na condição de sujeito pesquisado. A pesquisa autoetnográfica se torna complexa a partir do momento em que como objeto de análise estão suas próprias atitudes.

Concluimos que o ato de refletir as próprias atitudes pedagógicas garante um resultado melhor no desenvolvimento do professor em sala de aula, desde que a reflexão ocorra efetivamente. Mesmo inserida em um contexto escolar no qual nunca ouvimos falar na importância de sermos professores reflexivos, podemos tornar a escola na qual trabalhamos uma escola reflexiva. É necessário que haja questionamentos, debate sobre as dificuldades, exposição dos desafios vivenciados diariamente. Este passo pode ser dado, inclusive, por uma professora ainda em formação, no início de sua atuação docente.

[...] as reflexões são mais eficazes quando realizadas por um grupo, e, desta forma, a prática de trabalhos e planejamentos coletivos e interdisciplinares desponta com certa importância para a formação inicial e continuada. (PIMENTA e GHEDIN, 2002, p. 199).

A sólida formação profissional é de fundamental importância para a efetivação do processo de reflexão, análise e criação. Se a reflexão ocorre desde os anos de formação, muitos problemas serão resolvidos facilmente durante a atuação do professor.

A realização deste trabalho está me proporcionando inúmeros aprendizados, enriquecendo meus saberes docentes e me auxiliando na descoberta da minha identidade profissional. Serve de complementação para minha formação acadêmica. A teoria aprendida e os estágios realizados são bagagens para minha atuação como professora, enquanto minhas vivências pessoais e profissionais contribuem para me assegurar nas tomadas de decisões.

O trabalho está em continuidade e além da sala dos professores, analisaremos os desafios enfrentados pela docente na sala de aula, buscando refletir sobre eles e descobrir em conjunto com a literatura e nossas vivências pessoais e profissionais, novas práticas pedagógicas.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. *Professores reflexivos em uma escola reflexiva*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://www.gestaodeconcurso.com.br/site/cache/d2362faa-8e88-4e0c-8accecb7f26319ca/REFERENCIAL%20CURRICULAR%20NACIONAL%20PARA%20EDUCACAO%20INFANTIL%20VOL2.pdf>. Acesso em: 15/05/2011.

BENASSULY, Jussara S. *A formação do professor reflexivo e inventivo*. in LINHARES, Célia, e LEAL, Maria Cristina (orgs.): *Formação de professores uma crítica à razão e às políticas hegemônicas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E (orgs.) *Professor reflexivo no Brasil: Gênese e crítica de um conceito*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

ARCE, Alessandra. Compre o kit neoliberal para a educação infantil e ganhe grátis os dez passos para se tornar um professor reflexivo. *Revista Educação & Sociedade*. Ano XXII, n. 74, Araraquara, 2001.

BOSSLE, F.; MOLINA, V. No “olho do furacão”: uma autoetnografia em uma escola da rede municipal de ensino de Porto Alegre, *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 31, n. 1, p. 131-146, 2009.

MOREIRA, J. *Portefólio do Professor - O portfólio reflexivo no desenvolvimento profissional*. Portugal: Porto Editora, 2010, 123p.

ECCHELI Simone Deperon. A motivação como prevenção da indisciplina. *Revista Educar*, Curitiba: Editora UFPR, n. 32, p. 100-213, 2008.